



Luiz Carlos Sá

# Cidades Inesquecíveis

## NA CORRENTE DO CORRENTE

**E**m fins de 1974, estávamos eu e Guarabyra para fazer nosso segundo disco, o primeiro pela Continental. Resolvemos então dar uma fuga para o Sertão do São Francisco, que certamente nos daria de novo a tranquilidade necessária para repensar nossos rumos musicais. E só a viagem já era uma aventura. Chegar a Bom Jesus da Lapa, nossa base no sertão, demandava disposição e um carro de acordo, naquela época em que o asfalto quase que só brilhava nas pistas do sul-maravilha.

Comprei um jipinho Gurgel, novidade absoluta da nossa então precária indústria automobilística. E lá fomos, em um verão seco e ensolarado, dando-nos ao luxo de tirar a capota de vez em quando para sentirmos o vento morno no rosto. À medida que chegávamos mais para o interior, o Gurgelzinho ia fazendo mais sucesso. A partir do norte de Minas, bastava parar em um posto para juntar gente em volta. Já no sertão da Bahia, aqueles dois cabeludos em um carro estranhíssimo faziam o mesmo efeito de um OVNI chegado de Marte. E nós nos divertíamos horrores com isso...

Chegados a Bom Jesus da Lapa, bastaram apenas alguns dias para nos convenceremos de que tínhamos que ir mais longe. Guarabyra deu a idéia:

– Atravessando o rio, uns cento e poucos quilômetros para oeste, a gente chega em uma cidade às margens do Rio das Águas onde eu passava algumas férias quando pequeno. É um lugar maravilhoso com um rio lindo, cheio de saltos e cachoeiras.

Falado, feito. O Gurgel enfrentou com valentia o areião até Correntina. Lá, nos hospedamos na pensão de Paizinho, a melhor do lugar. Paizinho acabara de inaugurar um quarto com banheiro! E a chegada de artistas naquele canto esquecido do Brasil, dois cabeludos em um jipe estranho, fez sensação. Correntina é cortada pelo indescritivelmente lindo, transparente e imaculado Rio das Águas (ou Correntina), que despenca da Serra Geral de Goiás através de duzentos quilômetros de cerrado – até então selvagem e intocado – para finalmente chegar ali naquele primeiro baluarte da civilização e

depois seguir seu rumo, juntando-se com outros rios e formando o Corrente, que deságua enfim no São Francisco.

Perto da pensão de Paizinho ficava – quem sabe fica ainda! – o Ranchão, um caramanchão montado em uma ilha, com acesso por uma pontezinha construída sobre as pedras. Ali o rio ficava largo e formava um de seus incontáveis saltos. O Ranchão era, na realidade, um bar, gerenciado pelo Alemão, um cara amigável e bem falante que logo se tornou nosso amigo, como Paizinho e o Quinca, este mais velho que nós e conhecido de Guarabyra de outros tempos. Acordávamos lá pelas onze e já rumávamos para o Ranchão com nossos violões. O povo da cidade, de educação ímpar, sabia que precisávamos de paz e jamais interrompia nossos dias e noites de composição.

Em uma daquelas manhãs gloriosas, resolvemos conhecer as Sete Ilhas, um lugar que nos tinha sido indicado pelo Alemão, onde o rio se dividia em vários braços e você podia banhar-se de várias maneiras: na corredeira, no poço, no raso, no fundo, na cachoeira... Um paraíso dentro do paraíso. E lá estávamos, curtindo a maravilha do local, quando um bando de crianças veio vindo pelo meio do mato. Elas chegaram até nós e uma das meninas mais velhas falou:

– Minha mãe soube que vocês vinham para cá e pediu para a gente trazer umas coisas para vocês comerem, porque aqui não tem nada nem perto...

E os meninos e meninas foram desembulhando seus panos: marmitas com arroz, feijão, frango assado, farofa... um piquenique. Estenderam uma toalha sobre a areia branca de uma prainha e ficamos todos ali, comendo em silêncio. Fome e sede (podíamos beber do rio mesmo, de tão limpo) saciadas, tocamos algumas músicas para eles, que de vez em quando perguntavam o significado de uma ou outra coisa das letras. Depois, do mesmo jeito que chegaram, juntaram as coisas e foram embora, deixando-nos mudos pela tentativa de lidar com aquela pureza que tocava tão profundamente nossos empedernidos corações urbanos.

Parênteses: há uns anos atrás, depois de um show em Brasília, entrou em nosso camarim uma mocinha esguia e sorridente: – Vocês não vão lembrar de mim, claro... – riu ela – Eu sou a Gilda.

– ?

– Das meninas de Correntina. Das Sete Ilhas, lembram? Quase caímos para trás. Gilda vinha a ser a pequena “che-fe” da turma que tinha ido levar os comes e bebes para nós nas Sete Ilhas. Crescera, mudara-se para Brasília, formara-se em Educação Física e agora tinha uma academia na cidade. Fizemos festa e nos abraçamos, felizes por reencontrar aquele precioso momento do passado.

Fecha parênteses, de volta à Correntina de 74: um belo dia, Alemão chegou para nós e falou:

– Vamos fazer uma galinhada amanhã?

Mesmo duvidando um pouco da habilidade dele na pilotagem das panelas, concordamos logo.

– Então nos encontramos aqui no Ranchão à uma da manhã?

– Uma da manhã? – estranhei – Isso lá é hora de galinhada?!

– Que nada, ô Sá! Venham vocês aqui que a gente providencia tudo.

Chegou a noite e lá pelas onze a gente já estava no Ranchão. Mas o Alemão, impávido, limitava-se a tirar uma geladíssima atrás da outra de dentro do poderoso freezer que fazia a inveja de todos os donos de bares da região.

– E a galinhada, Alemão?

– Calma. Lá pela uma a gente vê isso.

Finalmente, muitas e muitas geladíssimas depois, o inexistente relógio da fome bateu à primeira badalada da madrugada. Alemão botou o cadeado no freezer – única providência de segurança necessária naquele bar sem portas – e comandou:

– Vamos lá!

Sáímos pelo silêncio noturno da cidade adormecida. Andamos umas três quadras e um amigo do Alemão juntou-se a nós. Cabreiro, perguntei:

– Onde é que a gente está indo, cara?

O amigo do Alemão respondeu:

– Pegar galinha, ué...

Eu e Guarabyra nos entreolhamos, entendemos e caímos na gargalhada:

– Não acredito! Vocês estão levando a gente para roubar galinha?

Embalados pelas cervejas e tendo o Alemão prometido

que só levaríamos uma penosa para o bar, topamos a parada por pura ‘porralouquice’. Chegamos à conclusão de que aquela era a pegadinha da cidade com os de fora e que provavelmente já estaria tudo combinado de antemão com o dono da galinha. Alemão dava as instruções:

– Tem que pegar a bicha pelo pescoço e enfiar a cabeça dela dentro da camisa, que aí ela cala a boca e ninguém escuta. Mais umas duas quadras e acabamos entrando por um quintal adentro, coração batendo, atentos ao menor ruído. Para piorar – e sacanear a gente, claro – Alemão sussurrou: – Cuidado com o cachorro...

Logo nos vimos dentro de um galinheiro. Eu mal conseguia enxergar na noite escura de breu. Não me lembro de quem pegou a galinha. Só sei que de repente o Alemão quase gritou:

– Tá na mão! Vamos nessa!

Sáímos desabalados do galinheiro agora desperto, um cacarejo geral, cachorros latindo, pânico! Só parei de correr quando cheguei ao Ranchão e me atirei atrás da muretinha do bar, onde já estava o amigo do Alemão com a galinha. Alemão chegou junto com Guarabyra, os dois às gargalhadas.

Perguntei pela galinha.

– Já era. Essa não faz mais barulho...

O resto da pegadinha veio no almoço do dia seguinte. Na primeira garfada percebi: Alemão tinha enchido a galinhada de pimenta. Eu e Guarabyra trocamos olhares significativos. Como já vínhamos de uma temporada bem apimentada sertão afora, não nos abalamos muito: forçamos um pouquinho a barra e comemos o prato todo. Acabei, passei um guardanapo na boca e falei:

– Até que estava gostosa...

E arrematei, olhando bem nos olhos do Alemão:

– Só que podia ter uma pimentinha...

E morremos de rir.

Como estará Correntina, agora que a estrada foi asfaltada? Como estarão o Quinca, o Paizinho, o Alemão, as meninas das Sete Ilhas? Será que o Ranchão ainda está de pé, que o Rio das Éguas ainda pode ser bebido como o bebíamos, simplesmente mergulhando e deixando que ele entrasse boca adentro? Que saudades daqueles dias de beira d’água, de música e sol, tudo tão simples e sem hora, que saudade enorme eu sinto de Correntina, sua água pura, seu povo amigo, sua imagem que vai sendo apagada pelo tempo que passa como um rio por minha memória...

